

DUAS SOLUÇÕES PARA A UNIVERSIDADE CATÓLICA



pelo Dr. António Alberto de Andrade
da Direcção
do Centro de Estudos Escolásticos

Anda pelos ares a ideia da instituição de uma Universidade Católica, propugnada, salvo erro, apenas nesta primeira metade do século actual. E, contudo, o divórcio da ciência e da Religião, por parte dos poderes públicos, é bem mais antiga. A justificação para este tardio desejo de uma Universidade Católica, além da razão de antes não ser precisa, talvez se encontre no facto do crescente predomínio das chamadas ciências.

A vida prática reclama ciência e a Universidade vai-se procurar se não ciência em abundância, pelo menos, hábitos de a adquirir. A religião que informa a vida católica, recebe-se no seio das famílias ou nas escolas oficiais e não oficiais de instrução primária e completa-se, depois, em cursos especiais de apologética ou de Semanas Sociais. À Universidade vai-se buscar técnica, que forma Engenheiros; Ciências Jurídicas, Ciências Naturais, Física e Química, que dão saída condigna para a vida; ou ainda, conhecimentos gerais de História, Geografia, Literatura ou línguas estrangeiras que, pelo menos, permitem a leccionação em Colégios e estabelecimentos de ensino do Estado ou a entrada em lugares para que se exige o diploma de Licenciatura.

Não há dúvida que ao levantar o problema da necessidade de uma Universidade Católica se tem de considerar o aspecto utilitário, para evitar o fracasso inerente, por sua natureza, a toda a obra inútil.

Mas não vamos cair no utilitarismo materialista, que concede o primado às ciências da Natureza, em detrimento das ciências transcendentas. Utilitarismo e ciência comportam perfeitamente um significado diverso do que lhe atribuem os materialistas ou materializantes. É útil o que conduz a um fim bom, o que é proporcionado à obtenção de uma finalidade honesta, quer particular para a vida de um indivíduo, quer geral para a sociedade em qualquer dos seus múltiplos agregados - simplesmente terrena ou mesmo sobrenatural. Por ciência entende-se não só o que vulgarmente se traduz pelo plural deste nome, mas também a investigação segura das causas das cousas, das suas naturezas, como dos seus efeitos.

Dentro deste critério, as disciplinas estritamente religiosas ou eclesiásticas são úteis e podem constituir objecto de ciência. Não terão na vida prática, a utilidade que ressalta evidentemente, das disciplinas professadas nas Universidades laicas. Mas nem por isso devem deixar de se estudar; muito pelo contrário, e mesmo na Universidade.

Se nas escolas de Instrução Primária e no ensino médio se ministram elementos de Religião e Moral Católica, por que permitir na Universidade o abstencionismo inexplicável que gera a persuasão de que a cultura superior é incompatível com o ~~estado~~ estado religioso?

Demais, a nossa tradição histórica reclama igualmente esta cristianização do ensino superior. Se no princípio, na Universidade de Lisboa, se não criaram logo cadeiras de Teologia, foi porque imperava o direito de se não ensinar essa ciência em nenhuma Universidade senão na de Paris, baluarte firme da ortodoxia católica. Na de Roma começou a ler-se Teologia, em 1303; na de Bolonha, no ano de 1360; na de Salamanca, em 1415. Um século depois (1290-1400), no reinado de D. João I, o Infante D. Henrique conseguiu acabar ~~acabar~~ com esse estado de cousas



Fundação Cuidar o Futuro

que, no entanto, nada traduz de espírito anti-religioso. A reforma pom-
balina, que destruiu a Filosofia na Universidade, conservou, porém, a
Teologia, não nos interessando agora determinar a orientação que lhe
imprimiu. O Liberalismo também respeitou a Teologia. Foi a República que
em 1911 acabou com os estudos eclesiásticos na Universidade, truncando
assim o próprio espírito de universalidade que ela mantinha desde os
primeiros momentos. As palavras podem evolucionar de significado e a
própria causa é susceptível de mudança para melhor. Porém, só a tendên-
cia materialista do nosso tempo se atreverá a sustentar que a supres-
são dos estudos religiosos na Universidade constitui progresso, sob
qualquer aspecto.

Universidade não é pura soma de Faculdades. Universidade significa
histórica e logicamente, catolicidade. Nela têm cabimento todos os conhe-
cimentos humanos e, por isso, ela só realizará o seu programa de unidade
no perfeito catolicismo. Historicamente - todos sabem - a Universidade
nasceu durante a Idade Média, no próprio grémio da Igreja.

Dentre todas as ciências eclesiásticas, uma só é susceptível de
provocar dúvidas, em face de outras orientações que se apresentem como
antagónicas - a Filosofia. Dever-se-á introduzir a Escolástica, preterin-
do a Filosofia positiva ou qualquer ramificação mais ou menos idealis-
ta?

Evidentemente que para um Católico o problema só admite uma so-
lução. Mas enquanto no nosso País, apenas uma minoria se atreveria a pôr
em dúvida a superioridade da Teologia Católica sobre qualquer outra, no
que respeita à Filosofia as vozes discordantes viriam de todos os
cantos. E como o eclectismo filosófico em sistema acabaria por não sa-
tisfazer ninguém, parece-me que a solução mais convincente estaria nu-
ma espécie de programa eclético, digamos, mas com conscienciosas res-



Fundação Cuidar o Futuro

trições. Não se conseguiria contentar a todos, mas talvez se obtivesse a fórmula mais razoável dentro dos reais valores de cada orientação filosófica. Concretamente, talvez se pudesse estabelecer o seguinte esquema:

- 1-Lógica formal e Logística;
- 2-Ontologia, essencialmente escolástica, incluindo a Cosmologia, embora aceitando as novas contribuições da Filosofia actual;
- 3-Psicologia racional e Psicologia experimental;
- 4-Moral escolástica e História da Moral;
- 5-Sociologia e Política;
- 6-História da Filosofia Clássica, Medieval, Renascentista, Moderna e Contemporânea.

Estas cadeiras formariam perfeitamente um curso - de Filosofia - dentro da Universidade Clássica. Poder-se-iam acrescentar ainda outras disciplinas, como Línguas e mesmo História Geral que, deste modo, ficariam comuns ao curso de Filosofia e respectivamente ao de Filologia Clássica, Românica ou Germânica e ao de História.

Enquanto esta integração for irrealizável - e eu julgo que o será enquanto o ambiente intelectual português não sofrer alguma modificação para melhor - importa criar núcleos de estudo da Philosophia Perennis, do molde do Centro de Estudos Escolásticos, que completem a escassa bagagem filosófica ministrada nas nossas ~~éss~~ Universidades, ao mesmo tempo que transformem a intelectualidade portuguesa, num sentido de maior estima pelas ciências da Igreja.

Existe ainda outra solução que está mais conforme com a missão da Igreja. Como a transformação das ideias foi sempre mais lenta que a criação de um estabelecimento de ensino, o ideal será a instituição de uma Universidade Católica oficializada. Deste modo, a Igreja cumprirá a sua missão de ensinar, enfrentando desassombradamente a situação actual que



disfruta dentro do Estado. Com efeito, na hora presente, existe, dentro de cada Estado, um conjunto de forças poderosas que leva os Governos a não tomarem, geralmente, aquela posição de franca adesão às directrizes da Igreja. E assim, já se não vê, de ordinário, aquela comunhão de ideais que se lobrigava antigamente entre as duas sociedades perfectas por excellências—a Igreja e o Estado. Vive-se em regime de Concordata, que o mesmo é dizer, de concessões mútuas. Não entrando no pormenor de saber se este regime traz benefícios sobre a situação antiga, convém pôr em relevo o motivo deste estado de cousas, porque dele sai lógicamente, a melhor razão justificativa da instituição da Universidade Católica.

Não é a persuasão de que a Igreja está velha, que não compreende certos problemas actuaes ou que estes mesmos transcendem a sua esfera de acção. O autêntico motivo das presentes relações da Igreja com o Estado provém de determinadas camadas intellectuaes hostis à mesma Igreja ou, pelo menos, que discordam dela em pontos capitais, embora dizendo-se católicos. Esta mentalidade continua a ter muita força entre nós e é precisamente ella, que a Universidade Católica pretende visar. Não se ataca o Governo. Não se culpam as instituições. Mas reconhece-se a necessidade de instaurar uma ordem nova, que comece na Universidade.

E entre as duas vias possíveis —de reformar em sentido cristão as Universidades officiaes e a de fundar uma Universidade Católica, parece sob este aspecto, mais fácil e segura a segunda solução. Seria mesmo o caminho mais suave para o primeiro objectivo, porque, começando a Universidade Católica a actuar, a Universidade official não deixaria de sentir a sua acção, sem contrangimentos odiosos.

Neste rápido confronto das duas soluções, não considero outros aspectos, como o financiamento da obra, a escolha dos Professores, a officialização do curso. Certamente, nas Universidades preleccionam Professores



católicos, que não deixariam esses lugares. A oficialização do curso tornar-se-á indispensável e afigura-se-me difícil. Com ela se prende o do financiamento da obra.

Fico, pois, numa posição meramente teórica - o que não quer dizer idealista, mas apenas - o que se devia fazer. Porém, se a minha tese é verdadeira, se no campo das ideias não sofre contestação, há que pensar igualmente na sua transposição para a realidade. A situação do momento em que se vive, nunca pode ser razão suficiente que obste a semelhante realização. A lógica da passagem que preconizo, não é da natureza do salto chamado argumento ontológico, mas daquela que justifica como necessária a acção ditada pela razão moral. Por isso, é de justiça o nosso desejo e não se pode desprezar a presente oportunidade para lhe dar execução. Se deste Congresso não sai imediatamente a Universidade Católica, como edifício acabado e corpo docente escolhido, devem começar, no entanto, as primeiras diligências em conjunto, dirigidas. Proponho para já a instituição de uma COMISSÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA, constituída por pessoas activas que disponham de tempo e de influências, para que a ideia não continue a vogar nas águas mansas dos meros desejáveis.





Conclusões

1ª conclusão: ~~Não se devia~~ Há duas soluções para a Universidade Católica: ou cristianizar a Universidade oficial ou criar uma instituição nova, orientada pela Igreja, mas oficializada pelo Estado. Por um lado, a primeira hipótese era preferível. Aconselham-no:

- a) O próprio conceito de "Universidade";
- b) A tradição histórica portuguesa e da mesma Universidade em todo o mundo.

2ª conclusão: -Dentre as disciplinas religiosas ou eclesiásticas, a Filosofia constitui um caso aparte. Nem se devia admitir só o estudo da Escolástica nem exclusivamente o das Filosofias chamadas modernas. A Lógica devia-se estudar ao lado da Lógica Formal; a Psicologia Experimental, depois da Psicologia Racional.

Fundação Cuidar o Futuro

3ª conclusão: -Enquanto se não conseguir este "desideratum", formem-se núcleos de estudo da "Philosophia Perennis", no molde do Centro de Estudos Escolásticos, que completem a Filosofia das Universidades oficiais

4ª conclusão: -A segunda solução é, porém, mais consentânea com a missão da Igreja, mais rápida e segura para a renovação intelectual que urge operar entre nós, em virtude de certas circunstâncias que dificultariam a ~~oficialização~~ cristianização da Universidade oficial.

5ª conclusão: Proponho para já a instituição de uma COMISSÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA, constituída por pessoas activas que disponham de tempo e de influência, para que a ideia não continue a vogar nas águas mansas dos meros desejáveis.